

CLÁSSICOS NA PRIMEIRA PÁGINA - A QUESTÃO DOS CÂNONES NOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS FRANCESES E BRASILEIROS NOS ANOS 90

Isabel TRAVANCAS
Professora na Faculdade de
Comunicação Social da UERJ

RESUMO

Discuto, aqui, em que medida a grande imprensa reforça para os seus leitores as obras já clássicas e de autores de renome, não dando espaço para autores desconhecidos. Para esta investigação, selecionei dois suplementos de jornais brasileiros: o Mais!, da Folha de S. Paulo, e o Idéias, do Jornal do Brasil, e dois suplementos franceses: Les Livres, do Liberation e Le Monde des Livres, do Monde. Pude avaliar se há distinções marcantes no tratamento dado à literatura estrangeira nos dois países e em cada um dos cadernos, assim como entender esses cadernos como parte do jornal, estando, portanto, submetidos ao imperativo da notícia.

Palavras-chave: *Imprensa. Literatura. Suplemento.*

ABSTRACT

In my work I discuss the extent to which the great press reenforces the classical pieces of well-known authors, not allowing any

space for the unknown ones. For the present research I have selected two supplements of Brazilian newspapers: "Mais", from "Folha de S. Paulo", and "Idéias", from "Jornal do Brasil", as well as two French ones: "Les livres", from "Liberation", and "Le Monde des Livres", from "Monde". I could evaluate if there are specific distinctions in the treatment given to foreign literature in both countries and in each of the supplements, as well as understand them as a part of the newspaper, being, therefore, in the domain of the news.

Key-words: *Presss. Literature. Supplement.*

Este trabalho aborda um dos temas que discuto em minha tese de doutorado intitulada **O livro no jornal** - os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90. Nela, analisei os seguintes cadernos: **Idéias**, do *Jornal do Brasil*, **Mais!**, da *Folha de S. Paulo*, **Le Monde des Livres**, do *Monde*, e **Les Livres**, do *Libération*. Também entrevistei 40 intelectuais brasileiros e franceses entre escritores, jornalistas, editores, teóricos e críticos, realizando uma análise desses discursos e relacionando-os com os jornais, dentro de uma perspectiva interdisciplinar entre as áreas de literatura, comunicação e antropologia.

Os suplementos

Todos os quatro suplementos estão submetidos às regras básicas do jornalismo: clareza, objetividade e concisão (Rossi, 1980). Mas cada um dos quatro selecionados vai dar o seu tom a essa "mistura" de conceitos. Estão sujeitos à influência do tempo e também à questão da novidade, como se eles definissem suas especificidades de cadernos de livros e suplementos literários, mas não negassem a sua situação de parte de um jornal diário, que vive da busca e da redação da notícia.

Os suplementos literários transmitem uma idéia de livro e de literatura e significam prestígio para os jornais e *status* para quem trabalha neles. São frequentes os casos de suplementos literários deficitários, cuja receita de publicidade não chega a cobrir o seu custo. Mas a relação custo-benefício para um jornal, assim como para uma sociedade, não se mede apenas pelo seu valor financeiro. É como se o jornal se valorizasse na valorização do seu leitor.

Clássicos na primeira página - a questão dos cânones...

O nome escolhido para os quatro suplementos merece um comentário. Os franceses enfatizam o seu perfil de cadernos de livros em seus títulos: **Les Livres** e **Le Monde des Livres**. O primeiro mais sintético e o segundo apontando para um grande espectro - o mundo e estabelecendo um elo com o próprio nome do jornal a que pertence: *Le Monde*. Os cadernos brasileiros, ao contrário, parecem “fugir” das palavras livro e literatura, escolhendo outras mais amplas como **Idéias** e **Mais!**. O caderno do *Jornal do Brasil* se pretende um espaço de discussão sobre idéias e livros, como afirma em sua própria apresentação ao leitor. O **Mais!** é fruto de uma junção das editorias de livros, cultura e ciência e a escolha desse advérbio parece reforçar a idéia de soma de setores, ao mesmo tempo em que não situa o leitor ou apresenta o caderno, já que o título é vago e não delimita um caderno de livros, nem de ciência ou de cultura. Posso supor que nessa opção de retirar de seus nomes a palavra **livro** há uma tentativa de conquistar leitores que normalmente não leriam esses cadernos.

Um outro dado interessante é a escolha do dia da semana para a publicação dos cadernos nos dois países. Os suplementos dos jornais franceses saem às quintas-feiras e os dos brasileiros nos fins de semana (**Idéias** no sábado e **Mais!** no domingo). Isso faz pensar no critério para essas determinações de dias e em que medida isso equaciona a discussão tempo e leitura. Quinta-feira é um dia de semana comum, mais perto do fim de semana, tempo associado ao trabalho e não ao lazer. Os suplementos franceses circulam nesses dias há muito tempo. Esse dia da semana escolhido implica poder afirmar que, diferentemente dos jornais brasileiros, os franceses inserem esses cadernos na rotina do trabalho e do estudo. Ao contrário do que acontece com o **Idéias** e o **Mais!**. Estes privilegiam uma leitura descompromissada com o tempo e a relacionam ao ócio. Como bem salientou Silviano Santiago(1993:14) em seu artigo sobre a crítica literária nos jornais.

“Vale a pena deter-se um minuto na lógica do ‘suplemento’. Complemento é a parte de um todo, o todo está incompleto se falta o complemento. Suplemento é algo que se acrescenta a um todo. Portanto, sem o suplemento ele apenas ficou privado de algo a mais. A literatura (contos, poemas, ensaio, crítica) passou a ser esse algo a mais que fortalece semanalmente os jornais através de matérias de peso, imaginosas, opinativas, críticas, tentando motivar o leitor apressado dos dias da semana e preencher o lazer do weekend de maneira inteligente. O suplemento tem também a sua raiz fincada no emprego do tempo burguês: a notícia que transmite a ação ocupa o burguês durante os dias de tra-

balho, enquanto a matéria literária que reclama o tempo da contemplação o envolve durante os dias de lazer”.

Josyane Sauvigneau, editora do **Le Monde des Livres**, estranhou a idéia de os suplementos dos jornais brasileiros circularem no fim de semana. Na França, a seu ver, isso seria impensável. As pessoas viajam, vão para o campo, vão ao cinema, não compram jornal nesses dias. São dias fracos em termos de venda de exemplares, ao contrário do que acontece no Brasil, quando o domingo é o dia mais forte. Ela ressaltou ainda um fato que lhe permite assegurar a importância desse suplemento: o dia em que ele circula é o de maior venda do jornal na semana. Mas isso, na sua opinião, só poderia ser colocado à prova se o caderno fosse retirado do seu dia e publicado em outro, o que evidentemente nunca foi feito. Em relação ao **Libération** acontece o mesmo, o dia de publicação de seu caderno de livros é o de maior vendagem. Esses dados apontam para o interesse e a importância desses cadernos para o jornal. Lá eles provocam venda, aqui eles são produzidos em dias de maior venda e vão a reboque.

Os cânones

Creio que a problemática dos cânones pode ser eficaz para entender a construção desses cadernos e ajudar a traçar seus perfis.

Robert Darnton(1990:145) pensa a questão dos cânones de forma clara e simples.

“Os grandes livros fazem parte de um conjunto canônico de clássicos selecionados retrospectivamente, ao longo dos anos, pelos profissionais que se encarregaram da literatura - isto é, pelos críticos e professores universitários cujos sucessores agora desconstroem-na. Esse tipo de literatura talvez nunca tenha sequer existido fora da imaginação dos profissionais e seus estudantes”.

É como se existisse uma grande enciclopédia literária sendo construída pela elite intelectual, que indica o que deve ser selecionado e o que deve ser excluído, apontando o que deve ser lido e permanecer para a posteridade. Muitas vezes os meios de comunicação reforçam essas escolhas, apresentando e rerepresentando essas obras para o consumidor, estimulando-o a gostar do já conhecido e do já visto.

A questão das classificações em torno da literatura é muito complexa e polêmica. Para Charles Altieri o cânone é um repertório de invenções e desafios

Clássicos na primeira página - a questão dos cânones...

à nossa capacidade de desenvolver gêneros e estilos. Ele tem uma função normativa e outra curadora, estabelecendo regras e parâmetros para o trabalho criativo e elaborando uma espécie de gramática. Outro aspecto ressaltado por Altieri (1990:33) é a idealização.

“Works we canonize tend to project ideals, and the roles we can imagine for the canon require us to consider seriously the place of idealization in social life. By ‘idealization’ I mean not the projection of propaganda but rather the effort to make the authorial act of mind or certain qualities in fictional characters seem valuable attitudes with which an audience is moved to identify”.

O que pretendo discutir aqui é como essa noção de cânone é importante para os quatro cadernos e em que medida suas matérias e resenhas expressam uma preocupação com a obra “ideal”.

O *Libération* tem grande interesse pela literatura de outros países e lhe dá bastante destaque, o que não ocorre com a mesma intensidade em *Le Monde*. Nos anos 90, **Les Livres** deu muita atenção para a literatura estrangeira e um exemplo disso é que, de 50 capas, seis são de escritores franceses, onze de ensaios, sete sobre o mercado editorial e 28 são de literatura estrangeira, sendo a capa da primeira edição do caderno o escritor português Miguel Torga. Já **Le Monde des Livres** só escolheu obras estrangeiras para capa de nove de seus 50 exemplares selecionados para estudo. O caderno **Idéias** abordou a literatura de outros países em 13 capas e o **Mais!** em sete. Dos quatro jornais é o *Libération* quem mais valoriza a literatura estrangeira no discurso de sua equipe e na prática, seguido do **Idéias**. Trata-se de um dado interessante que aponta para diversos desdobramentos. Quais as literaturas abordadas e dentro delas quais os seus autores? São escritores já consagrados ou novos autores ?

A ênfase nos cânones também está presente nos outros três cadernos. O **Idéias**, por exemplo, deu capa para: Marcel Proust, T.S. Eliot, James Joyce, Honoré de Balzac, John Updike, José Saramago, Ismail Kadaré e Robert Arlt. O **Mais!** selecionou Albert Camus, Hervé Guibert, La Fontaine, Kafka, Umberto Eco e José Saramago. Há nos dois cadernos um lado dos “clássicos” e tradicionais e uma outra vertente dos “modernos”, ainda que esta última com bem menos espaço e poucos autores. Os dois jornais colocaram ao lado dos não tradicionais o escritor francês Hervé Guibert. Seria possível pensar uma categoria que abarcasse clássicos e cânones, e outra escritores com grande prestígio e notoriedade como Milan Kundera e Umberto Eco, por exemplo.

O *Libération* aposta na possibilidade de tradução e na capacidade de a língua francesa trazer um pouco de outros mundos tão diversos para proximidade do público francês. É o caso das matérias que tratam da literatura da Eslovênia, da Somália e da Palestina. Ao focar o escritor Nuruddin Farah, da Somália, exilado na Nigéria, por exemplo, o *Libération* busca uma outra literatura, uma outra forma de escritura diferente da francesa e considerada de qualidade. A ênfase não é apenas política, mas está estreitamente ligada ao estilo e tipo de texto que o autor produz. Ao mesmo tempo, o jornal associa o escritor e sua obra ao discurso sobre a diferença. E termina a matéria declarando: “*Il est devenu l'un des chantres les plus convainçants de l'éloge de la différence*”.

Essa noção da diferença em relação à literatura faz-me lembrar a obra de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1981:25) **Por uma literatura menor**. Uma das primeiras definições que os autores dão para essa literatura menor parece relacionada com o que os suplementos estão trazendo para sua páginas na *rubrique* de literatura estrangeira.

“Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização. Kafka define, nesse sentido, o beco sem saída que barra aos judeus de Praga o acesso à escritura e que faz da literatura deles algo impossível: impossibilidade de não escrever, impossibilidade de escrever em alemão, impossibilidade de escrever de outra maneira”.

Essa questão da impossibilidade e da necessidade da escrita está vinculada aos dois tipos de literatura tratados pelo *Libération*. A literatura palestina e a necessidade de seus autores produzirem em sua língua, a dificuldade do poeta em escrever em outra língua e o vínculo estreito de Nuruddin com seu país e sua expressão literária. É preciso enfatizar o quanto a defesa da língua está imbricada na questão da identidade e da consciência nacional. Não é à toa que Caetano Veloso canta em uma de suas músicas: “*Minha pátria é minha língua*”.

No *Monde*, os escritores estrangeiros valorizados são aqueles de renome internacional. Os destaques de capa foram: Anthony Burgess, Nadine Gordimer, Octavio Paz, Nathaniel Hawthorne, William Shakespeare, Oscar Wilde, Fernando Pessoa. Essa pequena amostragem aponta para a ênfase em figuras já consagradas internacionalmente, sendo várias delas parte dos cânones da literatura mundial, como Shakespeare, por exemplo. O intuito do jornal não é apre-

Clássicos na primeira página - a questão dos cânones...

sentar o que há de novo em termos de literatura em países menos conhecidos do leitor ou obras de autores novos e promissores ainda pouco divulgadas na França. O jornal como veículo de massa está ajudando a reafirmar esses cânones.

Vale investigar qual o tratamento dado por *Le Monde* a W. Shakespeare. O título é "*Shakespeare en direct*". A ênfase da matéria está no lançamento de uma nova tradução, original e bilíngüe, que ressalta a audácia, a crueza e a verdade que fazem desse autor o primeiro herdeiro das tragédias gregas e o profeta da emoção moderna. E mais do que tomar conhecimento do texto, é preciso lê-lo no original, como declara o suplemento na resenha assinada pelo escritor Philippe Sollers. Para ele, é preciso ler Shakespeare na sua língua, já que as traduções fazem o que podem, mas envelhecem e portanto uma boa edição desse "monumento" deve ser bilíngüe.

A resenha reforça o caráter "sacro" dessa obra literária. A utilização do termo monumento só vem enfatizar essa idéia. Trata-se de uma obra e de um autor acima das críticas. O livro é uma jóia que o tempo não destrói nem corrói. Há, aqui, também uma aposta no leitor culto e erudito do caderno, que terá um bom conhecimento da língua inglesa para apreciar o texto.

É curioso como ao mesmo tempo que o jornal destaca Shakespeare e sua importância, a tradução não é considerada a leitura ideal ou correta. Os grandes autores, os "cânones" principalmente, devem ser lidos em sua própria língua. **Le Monde des Livres**, ao contrário do suplemento do **Libération**, não aposta na tradução. Como o texto de Sollers salienta, há boas e más traduções, o ideal é ler no original.

Em relação aos suplementos brasileiros, é interessante avaliar o caso específico das obras de autores franceses, para perceber qual a lógica para escolha das capas e das matérias do **Idéias** e do **Mais!** Um dado salta aos olhos em uma primeira leitura, que é o fato de a literatura francesa não ser preponderante nos suplementos brasileiros, ao contrário de seus intelectuais e pensadores, que permanecem com grande prestígio junto à imprensa. Ao longo dessa década, o **Idéias** fez sete capas com escritores franceses em 50 edições selecionadas, além de mais 10 matérias sobre livros de literatura francesa. Foram para primeira página: Marcel Proust, Hervé Guibert, Albert Camus, André Malraux, Milan Kundera e Blaise Cendrars. (Kundera é tcheco mas naturalizou-se francês e escreve naquela língua).

A matéria sobre Camus teve grande destaque e trata do lançamento no Brasil de seu romance autobiográfico **O primeiro homem**. Nesse caso, ao lado

da atenção dada a um autor bastante conhecido do público brasileiro, há um outro dado presente no texto do jornalista João Domenech Oneto: a ênfase na escolha do repórter do caderno, no seu “gosto” pessoal. Não quero dizer que a opção por Camus seja apenas fruto de uma preferência pessoal. Trata-se de um escritor de renome, e que recebeu o Prêmio Nobel. Entretanto, a matéria está impregnada de subjetividade e de amor à obra. Fato raro dentro do estilo jornalístico, que se obrigava a demonstrar objetividade e isenção acima de tudo. Portanto, essa noção de envolvimento com o objeto aplicada à imprensa e aos seus jornalistas também atinge os próprios veículos de comunicação de hoje em dia que assumem a impossibilidade de neutralidade e esfacelam esse “mito” no próprio texto.

Por outro lado, a afirmação do gosto pessoal no texto jornalístico tem uma função importante junto ao leitor no sentido de apontar caminhos e indicar obras e escritores. O **Idéias** se coloca nesse lugar que Antonio Cândido (1985:77) chamou de “*lideranças do gosto*”.

“Um público se configura pela existência e natureza dos meios de comunicação, pela formação de uma opinião literária e a diferenciação de setores mais restritos que tendem à liderança do gosto - as elites. O primeiro fator envolve o grau de ilustração, os hábitos intelectuais, os instrumentos de divulgação (livro, jornal, auditórios, etc.); o segundo e o terceiro se definem automaticamente”.

E os cadernos de livros atuam exatamente dentro dessa idéia de formação de uma opinião literária, do que deve, merece e precisa ser lido. O caderno **Mais!** lida com a literatura francesa e seus pensadores de uma forma bastante diferente. Um caso exemplar desse tipo de tratamento é o caderno cuja capa é o escritor La Fontaine, considerado “*o poeta das fábulas*”. Ele mereceu uma reportagem sobre sua vida, um ensaio da crítica literária Leyla Perrone-Moisés, além de novas versões de sete fábulas criadas por poetas brasileiros sob encomenda do jornal. Ou seja, se a *Folha* traz um “clássico” autor francês, muito conhecido de seu público leitor, ela vai não só promover uma reflexão crítica sobre o escritor, mas a reescritura de suas fábulas mais conhecidas. Apostando assim, em um novo perfil para os suplementos, não se restringindo a falar de e sobre literatura, mas avançando e apresentando uma reescritura da literatura. Reescritura que aponta para a percepção da obra de arte como original, única, com uma “aura” e com as inovações técnicas que possibilitam reproduzi-la gerando uma reestruturação na própria definição de obra de arte, como escreve

Clássicos na primeira página - a questão dos cânones...

Walter Benjamin (1993). Ao mesmo tempo, é possível fazer uma outra leitura da atitude do suplemento ao solicitar que textos clássicos sejam reescritos por poetas da atualidade. Para Marici Passini (1993:20), "*A reescritura dá a uma obra o estatuto de modelo apenas para destituí-la logo adiante*". Na medida em que os próprios conceitos de original e cópia se tornaram mais fluidos na modernidade. "*Tudo é simulacro*", afirmava Jean Baudrillard (1986). Essa dessacralização do texto literário que o jornal vai provocar é uma percepção de que o texto literário não está acabado e pronto para a eternidade. Ao contrário, sua riqueza está na possibilidade de lê-lo sempre e de poder transformá-lo, como ressaltou Jorge Luis Borges (1991:67).

"Pressupor que toda recombinação de elementos é obrigatoriamente inferior a seu original é pressupor que o rascunho G é obrigatoriamente inferior ao rascunho H - já que não podem existir senão rascunhos. O conceito de texto definitivo só corresponde à religião ou ao cansaço".

O que se pode notar com este tipo de tratamento dado à obra literária considerada "canônica" é uma vertente inovadora e diferenciada das escolhidas pelos outros três suplementos literários.

Creio que a questão dos cânones traz à tona a lógica jornalística que impera na imprensa. Ou seja, autores famosos e personalidade do meio editorial e literário serão sempre "notícia" e, conseqüentemente, também as suas obras. Há um esforço de alguns cadernos, particularmente **Les Livres** e também, ainda que de outra maneira, dos suplementos brasileiros de romper com a própria expectativa dos leitores. O caderno que atinge esse objetivo com maior intensidade é o do jornal *Libération*, que apresenta escritores desconhecidos do público francês, na sua grande maioria. Ficou claro também o quanto a literatura francesa e os pensadores franceses têm espaço nos jornais brasileiros.

Acredito que a literatura e o livro ainda sejam um **valor** nas sociedades ocidentais. Valor que remete à idéia de tradição e à definição dessas sociedades como letradas. Os escritores ainda são vistos como indivíduos que, muitas vezes, obtiveram sucesso, prestígio e reconhecimento, valores expressos pela própria sociedade e da qual os jornais e seus suplementos seriam um canal. Assim como a publicação desses suplementos para seus respectivos jornais significa prestígio. O que não quer dizer que os cadernos sejam lucrativos ou rentáveis, mas que podem contribuir muito para a construção da imagem de seus veículos junto ao público leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERI, Charles. **Canons and consequences**. Evanstone: Northwestern University Press, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean. **América**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BORGES, Jorge Luis & FERRARI, Osvaldo. **Nouveau et ultime dialogue**. Paris: Zoé Editions de L'Aube, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. **Por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1981.
- PASSINI, Marici. **A cópia**. Rio de Janeiro: UERJ, 1993 (mimeo).
- ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- SANTIAGO, Silviano. *"Crítica literária e jornal na pós-modernidade"*. In: **Revista de Estudos de Literatura**. Belo Horizonte, (1) 1: 11-17, 1993.